

15-01-2020

O olhar embaçado para uma leitura (pós) moderna da natureza

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/Goiás.
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/Goiás.]

A experiência mais duradoura, numa visita rápida ao médico, é a espera. Numa vida tão acelerada, fazer uma pergunta-resposta com os doutos da medicina é quase o contrassenso dos *fast foods*. É na pausa que lembramos, que esquecemos e tentamos tapear a fome com um cafezinho. A consulta que me aguarda é a oftalmológica, o lugar é o Instituto Pan-Americano, um desses prédios, com que, quando damos de cara, sempre olhamos para o alto. Carrego, por precaução ou exibição, um livro, o da vez é *Os Miseráveis*, de Victor Hugo.

Minha leitura é sempre interrompida por um caminhar, por um brinco grande ou uma voz nasalada.

Na arte da observação, as avaliações psicológicas do comportamento alheio sempre nos socorrem quando a espera é obrigatória. Entre abrir e fechar *Os Miseráveis*, reparo os detalhes de um pequeno jardim. Para o momento ficar mais agradável, os designers de interiores criaram um pequeno jardim de plástico. Abandono Jean Valjean e deleito-me naquela imagem que deteve, por instantes, minha atenção.

A imaginação é a habilidade de deformar as imagens, o sopro que as traz leva-as. A viagem da ideia vai longe, as experiências sólidas podem nos levar às dimensões etéreas.

“Quando deitamos no chão, é que as nuvens fazem sentido”, já dizia Bachelard.

Nasce aos olhos, dos que passam e dos que param, um ambiente desencaixado. Um jardim de cópias, de manequins em tamanho miniatura, com claridade, mas sem calor.

Coqueirinhos, plantinhas rasteiras e pedrinhas brancas, excessivamente redondas, davam sentido do harmônico.

Tudo era muito limpo, um leve aroma de lavanda, do desinfetante, fazia daquela experiência, a irredutível vitória do artificial. Contudo, um artificial que não se opunha, mas se camuflava de natural, a aparência em ruptura da imanência.

Plantas que não nascem, crescem ou morrem, não apodrecem, mas desbotam. As folhas tão verdinhas, mas sem pigmentação da esperança ou fotossíntese, ao gosto da ciência.

E quando desagradam os olhos, são trocadas por outras cópias. Aqueles simulacros são a materialidade do presente eterno, a estética fala alto para nos dar falsas sensações.

Talvez, essa experiência fez a semente da pós-modernidade germinar. “O fenômeno surge primeiro do que o pensamento e a tentativa da compreensão”, assim que Henri Lefebvre responde em entrevista.

Daí partimos, a modernidade começou a ser traduzida em compreensão, por Baudelaire, apenas no final século XIX, mas ela estava aprontando no mundo desde o século XVI.

As aventuras da modernidade, ao longo da história, são marcadas pelas fragmentações.

A dicotomia é o troféu levantado pela razão.

Um dia, Bauman me disse que as primeiras fragmentações foram dadas quando o homem rompeu sua relação holística com a natureza. Então, humanidade e natureza seriam paradoxos.

A dessacralização da natureza marca o nascimento, de parto normal, da modernidade e, pela segunda vez, a humanidade comeu o fruto proibido: o capital.

Os profetas do mundo medieval (bruxos, magos e padres) foram substituídos pelos profetas da razão: matemáticos, físicos e engenheiros. Profetas sem presságios, mas munidos de técnica e de um desejo visceral de colocar ordem lógico-matemática no caos. A guerra foi declarada a tudo e a todos que não se assemelhavam, ou comungavam com o projeto da ciência e do progresso industrial. O europeu secularizado nega o passado em prol do futuro, o tempo toma dimensão histórica e linear. O sobrenatural e as lendas, que faziam morada nos bosques e no imaginário medieval europeu, foram perseguidos pelo realismo, a noite medieval encolhia-se na claridade do iluminismo. O céu cósmico era perfurado pela flecha da razão, o ser humano amedrontado pelas crenças cedia lugar para o sujeito autônomo, livre e, sobretudo, aparentemente, destemido. O lugar dos mitos não seria mais nas bocas dos homens, mas nas páginas amareladas dos livros e tornar-se-iam fantasia infanto-juvenil. Afinal, o único mito aceito seria o do progresso. A foto em movimento do cinema, para mim, é caminho certo na viagem da imaginação, a ideia substancializa-se na imagem. Em “O senhor dos anéis: a sociedade do anel” (2001), o *blockbuster* adaptado do romance de alta fantasia do escritor britânico Tolkien e dirigido por Peter Robert Jackson, a disputa pelo anel é marcada pelas batalhas entre os seres da floresta (elfos, anões, Ents e Hobbits) e humanos contra os Orcs, todo o enredo aponta-se numa mitologia nórdica e germânica. Numa perspectiva de observador, a verdadeira guerra que emerge é entre mundo mítico medieval e o nascimento do capitalismo.

A narrativa é feita pelos seres míticos e como viam com espanto a expansão das forças do mal. Forças que podemos identificar na indústria, no filme, a natureza sagrada tornava-se recurso de matérias-primas. Os Orcs, sem poderes mágicos, mas com geringonças, punham as florestas no chão.

Comandados por Sauron, eram literalmente paridos nas minas da cidade de Tirith. Ali, nasciam adultos, disciplinados, trabalhavam dia e noite, a pele cinza e aleijada dava indícios das condições de trabalho. Esses personagens, talvez, fossem uma versão alegórica do *Homo Faber*, de Hannah Arendt.

O esquecido Jean Valjean cutuca minha perna, ele também queria viajar comigo. Para onde o personagem de Victor Hugo queria me levar? O que ele tinha para me contar? Ele me levou para uma paróquia francesa do século XIX, sentamos no banco de um jardim, pela claridade imagino que era primavera. As flores postas nos canteiros eram vermelhas e doces, talvez, pelos efeitos da mutilação da tesoura. Ali ele me sussurra sua história e eu transmuto o enredo em imagens, ideias e ideologias. Afinal, a arte precisa dar umas piscadinhas para a ciência.

continua

<p>Victor Hugo, talvez, à guisa da dicotomia moderna, cria duas dimensões subjetivas quase opostas na natureza. Jean Valjean havia tentado fugir da prisão várias vezes, maltrapilho, embrutecido e faminto embrenhava-se no mato.</p> <p>Aquele miserável, com gestos sem etiquetas, encontrou no caos da floresta o perfeito esconderijo. Ambiente e homem indissociáveis estavam à margem de um projeto de razão civilizatória. Com a sucessão devida dos eventos, esse personagem reaparece no outro extremo da França, enriquece-se como empresário, toma para si gestos e roupas finas, torna-se prefeito, elementos claros de civilidade burguesa.</p> <p>Mas sua conduta desperta desconfianças no chefe da polícia Javert. A trama de perseguição e fuga, o passado queria descortinar o presente. Na incessante fuga, o meu herói real se enclausura no convento de <i>Petit-Picpus</i>.</p>	<p>Ali, Jean Valjean assume a condição de jardineiro que esquadrihava canteiros retangulares. A natureza civilizada, tão cortejada pela modernidade, é que está disposta a aceitar que o jardineiro sempre será maior que a roseira.</p> <p>Meu nome é chamado por uma voz que não estava na minha cabeça. Abruptamente levanto e, novamente, abandono o JV.</p> <p>Agora, converso com o médico, ele arreganha minha pálpebra, dilata minha pupila. Por horas tudo é turvo, as faces e o jardim estão sem contornos, esbarro numa cadeira e, pelo apoio do tato, me sento. Termino a minha digressão: se a modernidade fragmentou homem e natureza, a pós-modernidade quer colar essa fratura com superbonder. Por fim, entendi que o trabalho do intelectual é o de explorar um mundo de formas e ideias turvas. Os sóbrios contornos nos abandonaram, o que temos para hoje são manchas e sombras. ■■■</p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	